

“Sei que há pessoas que condenarão o que fiz, mas eu não me sinto culpado. Não deveríamos reconhecer, legalmente, que há ocasiões em que a vida humana *não deve* ser prolongada?”

A Morte de um Filho

Condensado de LADIES' HOME JOURNAL

P. DAVID SHOLIN
*Pastor da Igreja Presbiteriana
de São Marcos, Tucson, Arizona*

JÁ ANTES de êle nascer nós havíamos decidido chamá-lo Edward Allen. E, embora tenha vivido menos de um mês e já façam 20 anos que morreu, ainda penso nêle como meu filho Edward Allen. Êle nasceu gravemente retardado e eu concordei em deixá-lo morrer.

Ao contar esta tragédia de há muito tempo, não estou assumindo o papel de juiz ou júri de qualquer mãe ou pai que alguma vez teve de enfrentar uma situação tão aflitiva como a minha. O dilema é eterno e não está mais perto de ser resolvido hoje do que há duas décadas. O problema é como ser pai ou mãe de um filho que nunca será capaz de reagir ao mundo que o rodeia.

Algumas pessoas decidem cuidar

de seu filho incapacitado em casa; outros mandam-no para uma instituição. Eu tomei uma decisão diferente e, embora ainda me sinta afetado por ela, devo dizer sinceramente que, se fôsse preciso, hoje, em circunstâncias iguais, eu faria exatamente a mesma coisa.

Norma e eu estávamos casados havia apenas dois anos quando a igreja me mandou para Tucson, no Arizona, a fim de iniciar uma paróquia. Nosso primeiro filho, David, tinha seis meses. Era uma criança saudável, bonita, exatamente o comêço certo para a grande família que ambos desejávamos. Pouco depois da nossa chegada, Norma ficou grávida.

Esta segunda gravidez correu muito bem—até poucos dias antes da

data em que esperávamos o bebê, quando Norma sentiu que êle havia feito uma brusca viravolta. Depois disso os movimentos diminuíram. Norma procurou imediatamente o obstetra. O médico ouviu o coração do bebê bater e insistiu em que estava tudo bem.

—Vocês mulheres às vêzes se apavoram com qualquer coisa quando estão perto de dar à luz—disse.

Quatro dias depois, quando a criança nasceu, o médico compreendeu que realmente havia algo errado . . . muito errado. Quando veio encontrar-me na sala, disse:

—O senhor tem um filho, mas não é muito perfeito. Nasceu fraco e suas condições físicas são precárias.

Continuou explicando que Edward Allen não podia mamar, nem fechar as mãos, nem espernear, nem fazer qualquer outro movimento dêses que são automáticos nas crianças. O cordão umbilical tinha-se fechado, cortando o suprimento de oxigênio da criança. Sem oxigênio, o cérebro é danificado em menos de cinco minutos. Edward Allen estava em dificuldades havia quatro dias.

Nosso filho já estava na incubadora. O doutor pediu-me que chamasse o nosso pediatra, um homem que naquela época era o médico de metade das crianças de Tucson. Era um homem extraordinário—amável e amado. (Morreu após uma longa e brilhante carreira.) O pediatra confirmou a opinião do médico: o bebê era mentalmente retardado e fisicamente frágil. Se conseguisse viver,

disse-me êle, seria algo muito perto de um objeto inanimado.

O médico pediu-me que não contasse logo tôda a verdade a minha mulher, pois ainda não estava bastante forte para enfrentar a notícia. Mas Norma soube que havia algo de errado desde o momento em que o bebê não apareceu para a primeira mamada.

—Êle tem uma pequena congestão pulmonar—expliquei.—Está na incubadora.

Ainda meio tonta da anestesia, ela aceitou a minha explicação.

Dois dias depois, quando pôde andar até ao berçário, ela viu Edward Allen pela primeira vez. Não pensou que houvesse alguma coisa muito grave. Êle parecia com qualquer dos outros bebês recém-nascidos ali da sala—só que o berço dêle, coberto com a tenda de oxigênio, estava mais para o lado, longe da janela por onde os orgulhosos pais olhavam seus filhos.

Depois que Norma visitou Edward Allen, o pediatra falou-lhe. Minha mulher sempre recebeu as coisas com calma. Ela não ficou arrasada; tinha tanta fé no médico que aceitou sem esperanças sua opinião sôbre as condições mentais de Edward Allen.

Cinco dias mais tarde, Norma deixou o hospital. Foi para casa e para a cama com um nervo dolorido e uma inflamação. Depois disso, Edward Allen foi transferido para uma enfermaria de crianças. Nunca esquecerei quanto era triste e doloroso andar por aquela sala barulhenta e

alegre cheia de crianças e passar pelas cortinas brancas que separavam o berço de Edward Allen dos outros. Êle estava sempre parado e quietinho. Parecia com qualquer outra criancinha dormindo—só que êle nunca abria os olhos nem chorava e, exceto para respirar, nem se mexia.

Eu e Norma, como todos os pais, amávamos Edward Allen, mesmo antes de êle nascer. Tínhamos tantos planos, pensávamos tanto nêle! Era difícil abandonar essas esperanças. Quando olhei para dentro da tenda de oxigênio, tive de repetir muitas vezes que êle nunca acordaria.

Durante as duas primeiras semanas depois do seu nascimento andei atordoado. Em casa, ficava contente com a presença do pequeno David, um garôto perguntador de 15 meses de idade. Mas, cada vez que o olhava, lembrava-me de Edward Allen, e uma série de perguntas cruzavam minha mente. Seria Norma capaz de cuidar do pequenino e ainda dar tôda a atenção e carinho que David precisava? E os outros filhos que pretendíamos ter?

À medida que os dias se arrastavam, Norma continuava sofrendo muito. Edward Allen continuava a mesma coisa sempre que eu o via. Um dia, quando estava saindo da enfermaria, o pediatra chamou-me à parte.

—Êle não está reagindo—disse.
—Simplesmente não reage a nada.

Perguntei-lhe se o menino estava enfraquecendo. Respondeu-me que não, que continuava se apegando à

vida, mas que não estava melhorando em sentido nenhum.

—Acho que devemos tirá-lo da tenda de oxigênio durante alguns espaços de tempo—disse êle.

Enquanto êle falava, entendi o que estava tentando dizer-me: se Edward Allen não podia sobreviver por si mesmo, então não devia viver.

Nunca tomei uma decisão tão difícil. Norma ainda não estava em condições de ajudar. Eu amava meu filho, e no entanto cheguei à conclusão de que o que eu amava era o filho com o qual sonhara, não a criança adormecida que êle era. Acredito que Deus fêz o homem para ser um ente querido que possa corresponder a outra pessoa e à fonte de todo o espírito humano—o próprio Deus. Edward Allen, eu sabia, nunca seria a espécie de ser humano que Deus planejara. Com isso em mente, dei ao médico permissão para tirá-lo da tenda.

Continuei visitando Edward Allen com freqüência. Êle ainda dormia plâcidamente, alheio à dor que o rodeava. Três dias mais tarde, morreu naquele mesmo sono profundo. Eu havia comunicado a Norma a minha decisão no mesmo dia em que falei com o médico. Ela aceitou-a com a mesma fôrça com que sempre aceitava tudo.

Sei que há pessoas que condenarão o que fiz, mas eu não sinto culpa. Tem havido tantos progressos na Medicina nos últimos anos, que é possível conservar as pessoas com vida durante muito tempo depois

que já deveriam ter morrido. Soa estranho isto partindo de um pastor? Deixe-me tentar explicar. A maioria de nós acredita que tôda a vida nos vem de Deus e que a Êle é devolvida. Temos uma solene responsabilidade de usar essa vida da melhor maneira possível. Mas se quisermos conservá-la sob quaisquer condições, a todo custo, então estaremos adorando errôneamente a vida como um substituto de Deus.

Evidentemente, o problema não se limita às crianças. Lembro-me de ter ficado junto ao leito de um paroquiano, um homem velho que estava morrendo lenta e dolorosamente de câncer. Os médicos estavam fazendo tudo o que podiam para conservá-lo vivo. O homem saiu de seu estado de coma o tempo suficiente para olhá-los e perguntar: "Por quanto tempo vocês vão permitir que isto continue?" Êle estava pronto para morrer, mas ninguém o deixava.

Pelas nossas leis, o médico e eu não fizemos o máximo para conservar a vida de Edward Allen. Poderíamos ser acusados disso, e no entanto nada foi dito, nada foi feito a respeito. Decisões trágicas como esta são tomadas todos os dias. Acredito que as pessoas que têm de tomá-las, nas devidas circunstâncias, não devem ser consideradas transgressoras da lei.

É por isso que estou contando esta história. Acho que já é hora de enfrentarmos a verdade. O progresso médico permite-nos ter novas

leis para ajudar a decidir quem deve viver e quem deve morrer.

No correr dos anos, tenho falado com muitos médicos. Êles me contam quantas vêzes têm de tomar decisões de vida ou de morte sòzinhos, sem apoio nem confôrto de ninguém. É uma agonia para êles. Entretanto, o mundo continua, fingindo que essa situação não existe.

Não sou homem da lei nem legislador, mas estou convencido de que deveria haver uma legislação que reconhecesse que não há necessidade de prolongar a vida além do ponto em que o paciente pode reagir ao seu meio. Incluídas nessa lei, é claro, devem estar tôdas as salvaguardas necessárias para proteger os direitos humanos. Mas, antes que possamos atingir a fase da legislação, deve haver um debate franco e honesto entre médicos e pastôres, advogados e legisladores—e, mais importante ainda, do público em geral, sôbre a moralidade de preservar a vida artificialmente. Acredito que Deus espera que nós usemos inteligentemente nossa razão para exercer um contrôle crescente sôbre a vida humana e a morte.

Eu quisera que Edward Allen tivesse sido o bebê normal e saudável que nós tanto queríamos. Nossa família cresceu até seis filhos, mas permanece em nosso coração um lugar especial para êle. Êle não se deixou ficar num estado de existência ignorada e desprezada que, para mim, é uma negação da vida. Por isso dou graças a Deus.